

Qual foi o fio condutor para organizar os textos que seriam publicados em “Ser como um rio que flui”?

Você tem razão ao dizer que o livro tem um fio condutor. Procurei selecionar os textos que expressam minhas vivências, minhas reflexões sobre os momentos que passei ou estou passando.

O senhor escreveu sobre o mundo das celebridades em sua última obra, "O vencedor está só". Pretende voltar ao assunto em algum outro momento ou já tem outras ideias em mente para um próximo livro?

Não tenho nenhum projeto no momento. O "vencedor está só" começou sua carreira internacional a um mês, na Rússia, e no início de abril foi publicado nos países de língua inglesa. Hoje está saindo na França. Embora eu não esteja mais envolvido diretamente na promoção dos novos títulos, preciso de tempo para poder viver, encontrar pessoas, viajar, e pouco a pouco descobrir um assunto que me interessa transformar em livro. Até o momento, não tive nenhuma ideia.

Na biografia "O mago", Fernando Morais diz que o sonho de Paulo Coelho, desde a adolescência, era ser "famoso e reconhecido no mundo inteiro". Quando a fama é boa e quando a fama é ruim?

A fama é boa quando você pode aproveitar as portas que ela abre. Por exemplo, hoje eu posso viajar para o interior da China, por exemplo, e ali vou encontrar leitores que me mostrarão sua cidade de uma maneira completamente diferente. Ou posso encontrar pessoas que sempre tive curiosidade de conhecer pessoalmente. A fama é ruim quando você se torna escravo dela, e não pode viver fora das luzes dos refletores.

Há algo que Fernando Morais tenha escrito, com base nas descobertas de seu baú, de que o senhor se arrependa? Que avaliação o senhor faz da biografia?

Eu me arrependo de ter aberto o baú. Mas o Fernando foi absolutamente fiel ao conteúdo. O livro é jornalisticamente muito bem escrito, impecável, mas falta o lado espiritual, ausente.

O senhor disse em uma entrevista para o Fantástico que “é solitário no momento em que tem de tomar uma decisão”. Poderia desenvolver melhor a ideia? Todo escritor é um solitário?

Um exemplo: quando me preparei para selecionar os textos de "Ser como um rio que flui", tinha ali colunas de dez anos (o que significa aprox. 3.650 textos), todas escritas com muito amor e muito entusiasmo. É uma tarefa impossível de delegar. Eu estava

absolutamente solitário.

O senhor já vendeu cerca de 150 milhões de livros, é o autor vivo mais traduzido no mundo e ainda membro da Academia Brasileira de Letras. Existe algo que ainda gostaria de fazer? O senhor se sente realizado?

Graças a Deus ainda tenho muitos desejos não realizados. A vida é isso: estar sempre procurando ultrapassar os próprios limites. Ainda mantenho intacta minha curiosidade infantil.

Como surgiu esse costume de dar os livros que tem?

Porque acho que existem pessoas menos favorecidas, que não tem dinheiro para comprar um livro, e nem sempre as bibliotecas tem verba para atender todas as necessidades. O que os livros ficam fazendo na estante de uma casa: mostrando o quanto seu morador é culto? Todos os dias publicam coisas novas e interessantes. Guardei alguns que gosto de reler sempre, e o resto eu entrego para amigos ou bibliotecas.

Em agosto completam-se 20 anos da morte de Raul Seixas. Quais são as suas principais lembranças do período em que eram parceiros?

Responder esta pergunta daria um livro.